

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

REPRESENTAÇÕES DA MORTE NO MITO INESIANO (LITERATURA PORTUGUESA DO SÉCULO XXI)

Maria Teresa Nascimento¹(CIEC, UMA)

O título que escolhemos faz-nos reflectir sobre a pertença dos amores de Inês de Castro ao universo do mito. Não porque seja novidade a atribuição, sendo múltiplos os autores a incluir a bibliografia ficcional inesiana neste filão, mas porque nos parece importante precisar em que quadro teórico nos inserimos. Na verdade, as perspectivas teóricas de um Mircea Eliade ou de um Claude Lévi-Strauss, por exemplo, far-nos-iam excluir os amores de Inês e Pedro do âmbito do mito, por não estarmos perante uma narrativa fundadora, anónima ou oral, nem tão pouco ela participar do carácter sagrado a que aludem os autores. O parentesco entre o comum dos mitos e os mitos literários residiria, então, de acordo com Philippe Sellier, em três outros factores: a saturação simbólica, a organização fechada e a iluminação metafísica.(SELLIER, 1984, p. 115)

Contrariando as posições de Mircea Eliade (ELIADE, 1963, p. 15), de Lévi-Strauss (LÉVI-STRAUSS, 1968, p. 105-106) ou mesmo de Vernant (VERNANT, 1973, p. 7), segundo as quais a literatura constituiria o fim do mito, os estudos mais recentes vêm insistir em que não apenas a literatura pode sustentar o mito, como também ela pode propiciar o surgimento de mitos literários. E o de Inês de Castro sê-lo-á? Diríamos que sim, se o considerarmos como um dos vários tipos possíveis de mitos, o daqueles que, na perspectiva de Albouy, podem ser originados na História. (ALBOUY, p. 12, 1969)

E nesse sentido, este mito, por assentar num facto histórico, o da morte factual de Inês de Castro, em Janeiro de 1355, a mando de D. Afonso IV, não terá, a nosso ver, uma

¹ Professora Auxiliar, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos e Universidade da Madeira, Portugal)
E-mail: marjesus@uma.pt

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

existência puramente literária, ficando a meio caminho entre os mitos propriamente ditos e os literários.

Em Portugal, a bibliografia de natureza ficcional, publicada nesta primeira década do Séc. XXI, supera em números todas as expectativas, confirmando a vitalidade do mito inesiano. Entre 2001 e 2013, são editados cinco romances, um conto, três peças de teatro, uma anti-epopeia e quatro livros de poesia, sem contar com outras tantas publicações no âmbito da literatura infanto-juvenil.

A história trágica dos amores de Pedro e Inês chega assim ao século XXI, depois de ter percorrido um longo caminho desde o registo dos primeiros testemunhos do Livro da Noa ou o do cronista coevo Pero Lopez de Ayala, bastante omissos em pormenores que os relatos de Fernão Lopes, Rui de Pina, Duarte Nunes de Leão ou Cristóvão Acenheiro supririam. Entre outros dados, destacar-se-iam os que diziam respeito ao *post-mortem* de Inês, com os seus símbolos e rituais de morte. A simbologia da coroa no túmulo de Inês culminava assim as declarações de D. Pedro em Cantanhede sobre o casamento previamente realizado e constituía-se com um motivo particularmente inspirador para a criação literária, a partir dele podendo-se construir representações susceptíveis de se conformar com o universo trágico.

Relatos posteriores como os contidos na **Monarquia Lusitana**, de Fr. Rafael de Jesus, ou no Suplemento de José Pereira Baião, à **Crónica del Rei D. Pedro I**, eram pródigios em elementos capazes de alimentar a imaginação relativamente ao modo como Inês fora trasladada.

O terror e a piedade serão, pois, elementos invariavelmente presentes na ficção literária que convocar de modo explícito a cerimónia da entronização *pos-mortem*. Mas também, o seu reverso: o grotesco.

No conjunto das obras que tomámos como *corpus* (cinco romances, três peças de teatro, um conto e uma anti-epopeia) interessou-nos a configuração da morte, não exactamente a do momento da sua consumação, mas a verificação do modo como o *pos-mortem* é objecto de mitificação ou desmitificação.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

E começamos por **Minha Querida Inês**, de Margarida Rebelo Pinto, de todos os romances, aquele em que menor espaço é concedido ao *pos-mortem*. Em pouco mais de cinco páginas – as últimas – se condensa o tempo que sucede à morte de Inês, pela voz de quem visualizamos a ocasião funesta, a sede de vingança de Pedro e os novos amores com Teresa Lourenço e, finalmente, o desígnio régio de perpetuação da memória nos túmulos de Alcobaça. A referência à trasladação é breve, como também o é a menção ao surgimento do mito em que ganharão corpo as metonímias do colo de garça, do ventre fértil ou dos cabelos de ouro, daquela que, crendo-se “mártir”, se antevê perpetuamente “lembrada”. (PINTO, 2011, p. 191)

A **Estalagem dos Assombros**, de Seomara da Veiga Ferreira, e o **Amor Infinito de Pedro e Inês**, de Armando Nascimento Rosa, são os romances que mais se alongam na estatuária tumular.

“Com estas pedras edificarei um trono eterno” (FERREIRA, 2007, p. 107) – assim começa o capítulo que, no primeiro destes romances, evoca, na voz da Boba, a crónica de um amor imorredouro. Lemos ao pormenor a execução do túmulo com motivos idealizados e acompanhados por D. Pedro, mas também a sugestão, em mais nenhum dos textos veiculada, da sensualidade que a estatuária consegue imprimir à representação de Inês:

Assistia à modelagem em gesso das figuras e indicava aqui, fazia modificar ali, tocava-as ao de leve como se elas fossem de carne e sangue e se molestassem com a sua carícia. Depois a figura dela, aquele corpo de sonho e perdição, o rosto suave mas sensual, de uma sensualidade adivinhada, tal a pureza dos traços e a sua gentil beleza de fada, de ninfa, quase fantasmagórica, agora que a perdera... (FERREIRA, 2007, p. 108)

Conduzidos, ainda, pela Boba, imiscuímo-nos depois nos pensamentos prováveis de Pedro, a evocar a “macieza daquela carne de leite e mel, os beijos mais suaves e devoradores”, num lirismo em que perpassa igualmente a vida de Inês poetizada na pedra: “Está lá tudo: a vida, a morte, os outeiros do Mondego, a Fonte dos Amores, o amor carnal, o

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

segredo, o aleitamento dos filhos, os carinhos dos amantes, os cantos de luz e das penumbras que constituem a vida de todos os mortais.” (FERREIRA, 2007, p.118)

A narrativa povoa-se de signos de vida, e até os sinos em vez de tocarem a finados sugeriam a boda dos amantes que finalmente se unisse. As rosas brancas e cor de carne deixadas sobre a estátua jacente consolidam a notação de pureza que o povo confere agora à sua Rainha morta, impoluta, esquecido o fantasma do perigo que a união com Castela pudesse ter comportado.

Esta quase sacralização de Inês intensifica-se em **O Amor Infinito de Pedro e Inês**. Movido pela curiosidade inicial que o faz acorrer a ver o cortejo fúnebre, o povo logo é contagiado pela dor, e a veneração por Inês nasce espontânea. “A morta já quase era venerada como santa e arrancada à morte pela lenda nascente”. (ROSA, 2005, p. 172)

Neste romance, a celebração da morte é preparada desde o antepenúltimo capítulo: “ – Não será só de palavra que honrarei Inês. Quero que seja feito um túmulo como outro não haja neste Reino, que tenha em cima a estátua dela com coroa na cabeça, como se fora rainha.” (ROSA, 2005, p. 153).

“Como se fora rainha”, *leit-motiv* da vontade do príncipe é o título do penúltimo capítulo deste romance, expressão colhida na **Crônica de D. Pedro**, de Fernão Lopes.

A representação ao natural da figura de Inês acompanhada da reprodução de cenas da vida há-de ser legível. Livro da vida será este túmulo – “O que eu quero, D. Abade, é uma escrita em figuras que toda a gente, com ou sem letras, saiba ler, saiba entender!”, afirma Pedro. (ROSA, 2005, p. 154) A metáfora do livro e a da sua perenidade combinam-se, assim, com a da estatuária, na imortalização de um amor infinito.

O romance resiste ao espectáculo macabro da entronização de Inês, muito embora ela tenha chegado a ser antevista pelo Rei, a quem o Abade demoveu. O preito de homenagem à Rainha fez-se, assim, preservando a imagem que dela se guardava, representada na tampa da arca tumular. Mas a narrativa não se fecha aos motivos já conhecidos do mito, quando deixa ao povo que assiste na nave recuada, a especulação sobre o que à frente aconteceria.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Se nestes dois romances, é para o planejamento e execução dos túmulos dos dois amantes que converge a narrativa, em **A Rainha Morta e o Rei Saudade**, de António Cândido Franco, antevemos em simultâneo o prazer que experimentará Pedro na exumação do cadáver de Inês, que para sempre libertará dos grilhões da morte e devolverá à luz. E assim, nesse mês de Abril, na premeditada Primavera, luminosa e perfumada, Pedro faz ressuscitar Inês, fala com ela, abraça-a e veste-lhe o cadáver com as roupas que preparara sozinho. Só depois chama a corte, o povo e a clerezia de Santa Clara a aclamar a rainha de Portugal, e a beijar-lhe a mão por entre um misto de horror e espanto. Inês coroada está pronta para a partida para Alcobça, transportada nuns varões altos de madeira, em procissão reverente e solene, acompanhada ao longo de todo o caminho pela população.

A figura de Pedro foi guindada à magnitude do divino. Resgatar Inês da Morte torna-o semelhante a Jesus ou a Prometeu (FRANCO, 2003, p. 190), analogia que o narrador estabelece mais do que uma vez. E o encontro com Inês fez-se à custa dos símbolos da ressurreição: canto e espada (FRANCO, 2003, p. 191). Longa e cansada viagem foi, pois, a de Pedro, como a de Eneias ou Ulisses, ao reino dos mortos.

Em Alcobça, depois, o narrador refere um oceano de gente. As exéquias são dignas e Pedro há-de conduzir amorosamente Inês pela nave da igreja, colocando-a no túmulo que a guardará até à ressurreição. A esse túmulo, laboriosamente trabalhado, se juntará o de Pedro, mais tarde, na espera da união das almas no fim do mundo.

A mensagem última do romance assenta nos sentidos de vida e de morte dos dois amantes. Inês e Pedro ver-se-ão no final dos tempos libertos das leis da morte. Por Pedro, e com Pedro, Inês “uma grande alma, um corpo perfeitíssimo, um rosto tocado pelo terror da beleza divina, uma chama apolínea e clara” (FRANCO, 2003, p. 219) viverá para todo o sempre, porque como diz o narrador: “A vossa lenda, não é uma tragédia, nem uma desgraça funesta, mas uma narrativa exemplar de libertação.” (*ibidem*)

Contrastando com a sublimação de **Um Amor Infinito**, encontramos o tom risível do Conto de Mário Cláudio, **Dom Pedro e Inês de Castro**, que toma o *pos-mortem* de Inês como núcleo narrativo, focalizado a partir do olhar do Infante D. Fernando, filho de D. Constança e

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

de D. Pedro. Enquanto tocam a finados os sinos da Sé e dos Crúzios, o infante, erguido do leito em que repousa, vai percorrendo Coimbra, pelo meio da multidão aturdida e informe, que empunha tochas e faz aparelhar carros, até penetrar no Mosteiro de Santa-Clara onde se encontra já D. Pedro. A turba juntara-se à saída da Igreja de Santa Clara: “Queriam tocar todos com a mão estendida aquele caixão de tábuas meio soltas, contendo o que restava do corpo da que vinham homenagear, não porque a tivessem por santa, isso não, mas por tão desgraçada e tão mesquinha como eles.” (CLÁUDIO, 2004, p. 47)

Ao som de gritos de aclamação, “Viva a nossa Rainha”, sai o préstito a caminho de Alcobaça. Assustados, três bovinos vertem águas “enxovalhando as vestes dos guardas” (*ibidem*). O grotesco instaura-se e intensifica-se, com a sugestão de D. Fernando de que o facto teria divertido D. Pedro.

A descrição redonda em pormenores de festa, ao longo dos quatro dias que separam Coimbra de Alcobaça, porque como D. Fernando afirma, não havia razão para mágoa. A de D. Pedro, exteriorizada pelo excesso de vinho, faz soçobrar todo o lirismo, sobretudo quando revela aos presentes, de forma despudorada, “as partes vergonhosas da que fora amante de seu coração, o veludo da pele das nádegas e a seda do cabelo do entrepernas”. (CLÁUDIO, 2004, p. 48)

Em Alcobaça, a narrativa é exuberante na descrição do cadáver, e o leitor não é poupado à visão disfórica dos ossos, das fibras, da mão descarnada que o Rei força a beijar e que D. Fernando acaba por observar sem horror, mas também sem qualquer espécie de compunção. E é de curiosidade o sentimento que move os populares a procurar no cadáver os efeitos que tivera a morte na beleza de Inês ou a assistir à descrição macabra da dança a que se entrega o Rei com os despojos da amada.

Um outro conjunto de textos denota a capacidade que o mito literário tem de se reconfigurar em função de novos contextos históricos e sociais. E não falamos da fusão de horizontes a que se refere Gadamer (GADAMER, 1989, p. 306), mas de uma temporalidade discursiva que pode transferir-se desde a origem do mito até à contemporaneidade. Em **A Boba: Monólogo em três Insónias e Um Despertador**, de Maria Estela Guedes, por

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

exemplo, descreve-se assim a cena: “Computador gigante. Em ambiente, vê-se a fachada do TriploV, com anúncio da peça. Ícone da reciclagem com forma de caixote do lixo. Teclado em degraus.” (GUEDES, 2006, p. 10)

Habitados que estávamos já à presença de actores menores da História nos romances de Luís Rosa e Seomara da Veiga Ferreira, através das figuras de Clarimundo e da Boba, esta última assumindo cerca de metade da narrativa, não estranharemos encontrar de novo uma Boba, a Miguéis, na peça de Estela Guedes. A sua leitura, ainda que superficial, cedo nos mostrará estarmos perante um texto distinto dos anteriores, a começar pela própria linguagem, em conformidade com o estatuto da protagonista, em quem recordamos laivos vicentinos.

Com Miguéis se desconstrói um mito. Inês foi morta, não pelas razões que a História conhece, mas por intrigas da Boba, alimentadas por ciúme de natureza amorosa. É na Terceira Insónia que se descreve o cortejo fúnebre. E uma vez mais a Boba faz questão de afirmar o seu relevante papel na construção da História. Foi a conselho seu que os túmulos foram erigidos, e seis anos depois do assassínio de Inês, vemos desfilar perante nós, filtrado pelos olhos de Miguéis, o séquito fúnebre. Desconcertadamente descritas serão a trasladação e a entronização. Entre o trágico e o grotesco, o monólogo de Miguéis descreve o filme de terror – “É que nem Drácula dá tanta volta ao estômago” (GUEDES, 2006, p. 21) – transmite o cheiro que se liberta do cadáver, ao mesmo tempo, que nos faz perceber a transferência da dor do príncipe para ela própria: “Durante longo tempo fiquei agarrada aos ossos dela a beijar o carpo, o metacarpo, as falanges, as falanginhas e as falangetas. Cobri-lhos de lágrimas, jurei que a amaria eternamente e tudo faria para que não fosse esquecida.” (GUEDES, 2006, p. 22)

De um modo completamente diferente, também o mito de Inês se subverte agora em **Uma Viagem à Índia**, paródia d’ **Os Lusíadas**, como noutro momento já afirmámos. (NASCIMENTO, 2012)

Em **Uma Viagem à Índia**, os amores trágicos de D. Pedro e Inês dão agora lugar aos de Mary a quem o pai de Bloom assassina. O episódio, narrado a partir do Canto III, como n’ *Os Lusíadas*, tem efeitos permanentes e obsidiantes em Bloom, viajante moderno, para quem a

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

viagem pode constituir uma fuga ao tédio, às lembranças dolorosas e ao castigo pela vingança por ele executada, assassinando o próprio pai. (C. IV, 74)

No caso d’**A Trança de Inês**, romance de Rosa Lobato Faria, a revivificação do mito articula-se em torno de três eixos temporais (1320 a 1367, 1963 a 2006 e 2084 a 2105), atravessados pelo olhar da mesma personagem – Pedro, doente psiquiátrico, acusado de necrofilia. Em todos eles, o amor a Inês é o motivo estruturante que dá continuidade ao mito e o recria. Mas tanto as razões de estado do reinado de D. Afonso IV, como os interesses empresariais que podem opor os Castro aos Santa Clara, na contemporaneidade, ou os condicionamentos de uma sociedade que, num futuro próximo, e em prol da sua salvaguarda, regula as normas de acasalamento e procriação tornam necessária a separação dos amantes. E a mesma dor sem fim dita a sua eternização, a fuga à inexorabilidade das leis da morte, longamente preparada: “Havia também que resgatar a tua honra, a tua altíssima condição de rainha de Portugal e para isso pensei mandar construir um túmulo que fizesse jus à tua realeza.” (FARIA, 2001, p. 171-172) e que se converta em “lugar de peregrinação de todos os amantes de todos os reinos e todos os tempos” . (FARIA, 2001, p. 177)

O préstito até Alcobaça, distante de 20 léguas – nos restantes romances referidas como dezassete – é ordenado a partir de Santa Clara, em alegria, como quer o príncipe, depois de mandada preparar Inês, com o invariável pormenor do necessário religamento da cabeça ao corpo.

Já em Alcobaça, ao olhar desgostoso de Pedro não escaparão cavaleiros e damas que, com nojo, assistem à colocação do palanquim na nave central da Abadia. A coroação ocorrida depois da missa, inicia-se com o demorado beija-mão do príncipe, gesto que todos são instados a imitar.

O romance enceta ainda uma nova configuração do mito, num outro plano narrativo: Inês é assassinada a tiro pelo pai de Pedro Santa Clara. Recusando enfrentar a morte de Inês, Pedro inicia uma viagem de automóvel por Portugal e pela Europa com o cadáver:

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A partir de determinada data, não sei qual, perdi a noção do lugar onde estamos, às vezes surge uma modesta tabuleta indicando um lugar, talvez em francês, também pode ser espanhol, italiano, não sei como se pronuncia nem me interessa saber, qualquer lugar é bom desde que isolado, longe das povoações, distante e nosso, para poder deitar-te ao meu lado na noite, aquecer-te as mãos geladas, alisar-te os cabelos, recitar-te poemas. Esta é a nossa lua-de-mel antes de partirmos para o Brasil, sim, um dia partiremos e embora já ninguém no mundo conte conosco, nós saberemos encontrar um cantinho feliz onde construir a nossa casa, onde abrigar o nosso amor. E à noite olharemos o céu e eu hei-de roubar uma estrela para prender a tua imensa cabeleira.” (FARIA, 2001, p. 208)

Na verdade, este acto não terá semelhanças com a transladação efectuada há mais de cinco séculos atrás? Tal como então, Pedro recusa encarar a morte como fim de uma paixão e por isso obstinada e amorosamente vai passeando Inês.

Em **O Eunuco de Inês de Castro**, de Armando Nascimento Rosa, toda a acção se situa num tempo para além da morte, mas na contemporaneidade. Inês, Constança, Pedro, Afonso Madeira, Catarina Tosse, D. Afonso IV, Fernão Lopes e os dois funcionários são actores de um tempo sem tempo, fantasmas- protagonistas de uma história que eles próprios revisitam mais de seis séculos depois, e que assoma em fragmentos revestidos e travestidos nas Ilhas Malditas, a Veneza do Teatro, a que chegam os mortos, transportados pela Empresa Caronte à qual pagam em euro-mortos.

Inês e Constança contracenam na morte como na vida, mas o amor de Pedro já não as divide. E por isso, Pedro, a quem Inês já não ama, só pode perguntar:

Então de nada valeu o que fiz para merecer o teu perdão? O cortejo nocturno nunca visto entre Coimbra e Alcobaça, numa multidão de círios. Ter entregue o teu cadáver aos costureiros da Corte para o vestirem coroado com vestes sumptuosas. Ter dado as tuas falanges a beijar aos cortesãos atónitos. Ter mandado esculpir os nossos túmulos em mármore eterno. Chorei por ti tão desvairado, como a rainha de Cartago chorou a morte de Eneias. (ROSA, 2005, p. 71)

O cortejo fúnebre, o beija-mão e a perenidade do túmulo de pedra não foram bastantes para religar na morte o que a vida separara. O mito do “até ao fim do mundo” (*ibidem*), que

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Afonso IV evoca, parece já não ter razão de ser, e mesmo que seja o monarca agora a desejar reunir os dois amantes na morte, subvertendo o mito, o esforço é vão. O mito do amor infinito reduziu-se, como ele próprio reconhece, ao de um casal de divorciados.

Pôde agora mais o desamor do que teria podido a morte, castrado simbolicamente o amor que Inês tinha por Pedro, na castração violenta de Afonso Madeira, mandada executar pelo monarca Cruel. O psico-drama que os três encarnarão como actores, neste palco da morte, há-de revelar aquilo que Inês apelida de complexo de Pedro.

Também o mito em **Noites de Inês-Constança**, peça de Fiamma Hasse Pais Brandão, revela diferentes perspectivas de abordagem, não por nele se fundirem passado e presente, como nos casos anteriores, mas por enveredar por caminhos de tese, em que a personagem feminina adquire novos contornos. Neste drama, a percepção da morte é indissociável do par feminino Inês-Constança. Toda a acção se desenvolve em torno da ambivalência que constitui a essência da personagem. O ser duplo de Inês e Constança resulta numa ambiguidade que o próprio D. Pedro tem dificuldade em entender. A morte é igualmente dupla na peça, e quase simultânea: a de Constança e Inês, ambas anunciadas pelo Pajem no epílogo. Na assassina de Constança, uma cavaleira, adivinhamos a própria Inês, ela que havia afirmado no I Acto: “Eu hei-de matar” (BRANDÃO, 2005, p. 21). Inês, assassinada às mãos dos esbirros do rei, verá o seu esqueleto coroado por D. Pedro, conforme declaração transmitida pelo arauto da morte.

Conclusão:

Pelo que acabámos de ver, o *pos-mortem* de Inês está invariavelmente presente nas obras estudadas: desde o nível da simples alusão, embora repetitiva, a da perda de Mary por Bloom, em **Uma Viagem à Índia**, ou a da seca declaração do Pajem, em **Noites de Inês-Constança**, até aos relatos mais ou menos longos da trasladação, combinados ou não com a coroação, transmitidos pelo conto de Mário Cláudio ou pelos romances. Santa-Clara e Alcobaça, ligadas pelas dezassete, dezoito ou vinte léguas, de acordo com a liberdade criativa dos autores, apresentam-se como os cenários associados ao *pos-mortem* de Inês, a que se juntará uma qualquer ilha no País dos Mortos, em **O Eunuco**. O Convento de Santa Clara prefigura a libertação do olvido da morte, sobretudo com António Cândido Franco. O cadáver

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

de Inês parece animado de vida e irradia luz. Lida por uns como desvario, literalmente, no caso de Pedro Santa Clara, por outros, como a expressão de um amor infinito, a trasladação e coroação de Inês furtam-se ao relato seco da História e convertem-se em palco de catarse colectiva com o seu clímax no Mosteiro de Alcobaça. Até ao fim do Mundo, dizem as epígrafes nos túmulos. Libertas da morte, as almas unir-se-ão num tempo sem tempo. Sete séculos depois, como se afirma no final do romance de António Cândido, os amantes esperam a consumação do tempo.

Declarava-se logo no primeiro capítulo do romance de António Cândido Franco: “O próprio dos mitos é vestirem acessórios diferentes, repetindo o essencial”. (FRANCO, 2003, p. 13). Lembramos, então, Jean- Rousset, (ROUSSET, 1976, p. 14) quando noutros termos, referia também as variantes, na constituição dos mitos. Os textos que aqui trouxemos são disso exemplo.

O mito de Inês de Castro continuará, estamos convictos – “pela arte da palavra, esse reinado há-de por certo perdurar até ao fim do mundo.” (CASTRO, 1999, p. 39)

REFERÊNCIAS

ACENHEIRO, Cristóvão Rodrigues de, **Crónicas dos Senhores Reis de Portugal**. Colecção de Inéditos de História Portuguesa, Tomo V, publicados por ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa: pela Academia de Ciências da mesma, 1926.

ALBOUY, Pierre. **Mythes et Mythologies dans la Littérature Française**. Paris: Armand Colin, 1969.

ASENSIO, Eugenio. Inês de Castro: de la Crónica al Mito, **Boletín de Filología**, XXI (1962-1963), p. 337-358; reeditado in **Estudios Portugueses**, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, p. 37-58, 1974.

BAIÃO, José Pereira. Suplemento à **Chronica Del Rey D. Pedro I deste nome, e dos Reis de Portugal, o oitavo, cognominado o Justiceiro, na forma em que a escreveu Fernão**

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Lopes, Chronista Mór deste Reyno. Lisboa Occidental: Na Officina de Manoel Fernandes da Costa, 1735.

BRANDÃO, Fiama Hasse Pais. **Noites de Inês-Constança.** Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.

CLÁUDIO, Mário. Dom Pedro I e Inês de Castro, in **Triunfo do Amor Português**, ilustrações de Rogério Ribeiro, prefácio de Agustina Bessa-Luís. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2004.

CASTRO, Aníbal Pinto de. Inês de Castro: da Crónica à Lenda e da Lenda ao Mito, in AAVV. **O Reencontro de D. Pedro e D. Inês.** Coimbra: Associação para o Desenvolvimento do Turismo da Região Centro, p. 33-39. 1999.

BREVE Chronicon Alcobacence, in **Portugaliae Monumenta Historica.** vol. I- Scriptorum. Lisboa: Typis Academicis, 1856.

CORRADIN, Flavia Maria. A paródia a sério da História: O Eunuco de Inês de Castro. **Forma Breve**, n. 5. Aveiro: Centro de Línguas e Culturas, Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, p. 77-92, 2007.

Disponível em <<http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/237>>

Acesso em: 25 de Agosto de 2013, 16: 30.

ELIADE, Mircea. **Aspects du mythe.** Paris : Gallimard, 1963.

FARIA, Rosa Lobato. **A Trança de Inês.** Lisboa: Edições Asa, 2001.

FERREIRA, de Seomara da Veiga. **Inês de Castro - A Estalagem dos Assombros.** Lisboa: Editorial Presença, 2007.

FRANCO, António Cândido. **A Rainha Morta e o Rei Saudade: o Amor de Pedro e Inês de Castro.** Lisboa: Ésquilo, 2003.

GADAMER, Hans-Georg. **Truth and Method.** 2nd revised edn. London: Continuum International Publishing Group, 2004.

GUEDES, Maria Estela. **A Boba,** Lisboa: Apenas Livros Lda, 2006.

LEÃO, Duarte Nunes de. Chronica del Rei Dom Pedro, dos reis de Portugal o VIII, in **Crónicas dos Reis de Portugal reformadas pelo Licenciado Duarte Nunes de**

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Leão. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1975.

LIVRO da Noa de Santa Cruz de Coimbra, in. A. Caetano de Sousa, **Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa** Lisboa Occidental : na Officina de Joseph Antonio da Sylva, impressor da Academia Real, vol. I, p. 382, 1744.

LOPES, Fernão. **Crónica de D. Pedro I.** Segundo o Códice n. 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Introdução de Damião Peres. Porto: Livraria Civilização, 1965.

LOPEZ de AYALA, Pero. **Crónica Del Rey Don Pedro.** In: ROSELL, D. Cayteano. (Org.). **Crónicas de los reyes de Castilla, desde Alfonso el Sábio hasta los catolicos Don Fernando y Doña Isabel.** Madrid: Real Academia Española, 1953. t. I. Año Onceno (1360).

MORTIER, Claude. Mythe littéraire et esthétique de la Réception, in **Mythes et Littérature**, textes réunis par Pierre Brunel. Paris: Presses de l'Université de Paris- Sorbonne, 1994.

NASCIMENTO, Maria Teresa. A Melancolia Contemporânea da Epopeia: Uma Viagem à Índia de Gonçalo M. Tavares, in **Anais do XXIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP) ISBN 978-85-7862-215-2**, 2012, p. 829-839.

PINA, Rui de. **Crónica de el Rei Dom Afonso o Quarto.** Lisboa: Edições Bíblion, 1936.

RODRIGUES, Pedro Jorge. **A Personagem D. Pedro na Narrativa Portuguesa do Dealbar do Século XXI, Inês de Portugal, de João Aguiar, A Trança de Inês, de Rosa Lobato de Faria, A Rainha Morta e o Rei Saudade, de António Cândido Franco,** Lisboa, Universidade Aberta, 2006.

<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/600/1/LC170.pdf> Acesso em: 25 de Agosto de 2013, 16: 35.

ROSA, Armando Nascimento . **O Eunuco de Inês de Castro – Teatro no País dos Mortos.** Évora: Casa do Sul, 2005.

ROSA, LUÍS. **O Amor Infinito de Pedro e Inês.** Lisboa: Editorial Presença, 2005.

ROUSSET, Jean. **Le Mythe de D. Juan,** Paris: Armand Colin Éditeur, 1976.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

SELLIER, Philippe. Qu'est-ce qu'un mythe littéraire ? , in **Littérature**, octobre 1984, p. 112-126.

SOUSA, Maria Leonor Machado de. Inês de Castro, quase um mito, **Faces de Eva**, nº 19, p. 69- 80.

SOUSA, Maria Leonor Machado de. **Inês de Castro: um Tema Português na Europa**. 2ªed. Lisboa: ACD, 2004.

LEVI-STRAUSS Claude. **L'Origine des Manières de Table**. Paris : Plon, 1968

TAVARES, Gonçalo M.. **Uma Viagem à Índia. Melancolia contemporânea (um itinerário)**. Prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Editorial Caminho, 2010.

TRIPLOV, Revista de Artes Religiões e Ciências, disponível em <http://www.triplov.com/novaserie.revista/index.html> > acesso em 25 de Agosto de 2013, 16:40.

VASQUES, Eugénia (2005). Fiama-Inês. A Estátua Jazente (Ut Pictura Mors). In

BRANDÃO, Fiama Hasse Pais, **Noites de Inês- Constança**. Lisboa: Assírio e Alvim, p. 67-76, 2005.

VERNANT, Jean-Philippe. **Mythe et Tragédie en Grèce Ancienne**, Paris : Maspero, 1973.